



■ **DA AVENIDA CENTRAL AO RIO
CIDADE, O RIO DE JANEIRO
CONSTRÓI E RECONSTRÓI
A SUA IMAGEM**
Vera Regina Tângari

HISTÓRIA

**VERA
REGINA
TÂNGARI**

*Vera Regina Tângari – Arquiteta e urbanista da UFRJ,
paisagista, mestre, professora UFRJ, doutoranda FAUUSP.*

RESUMO

O trabalho proposto pretende descrever a associação entre os padrões de projetos de espaços livres públicos e o desenho da paisagem urbana no Rio de Janeiro, a partir de uma visão histórica e de aproximação com o momento atual.

ABSTRACT

The paper intends to describe the association between the patterns of open public spaces projects and urban landscape design in Rio de Janeiro, in both historical and contemporary approaches.

INTRODUÇÃO

Procurei estabelecer uma sistematização de idéias e associações, por períodos históricos, dos projetos dos espaços livres públicos mais significativos do Rio de Janeiro, das respectivas administrações responsáveis pela sua concepção e/ou implantação e dos valores culturais que os conformaram. Neste esforço foram selecionados os espaços que melhor refletem os períodos considerados.

A partir desse desdobramento, são enfocados e comparados dois momentos de grande importância para a transformação da paisagem do Rio: o início e o final do século 20, com a reforma de Pereira Passos e a implantação do Projeto Rio Cidade, buscando situá-los no espaço e no tempo da modernidade e da pós-modernidade urbanas.

O trabalho sustenta ainda a idéia de que o Projeto Rio Cidade, em implantação pela Prefeitura, reforça a associação entre padrões de projeto dos espaços públicos, os modelos de paisagem e a produção da imagem urbana. Nessa análise são enfocadas as múltiplas visões que cercam o projeto: a visão oficial; a visão dos técnicos, a visão acadêmica e a visão da mídia.

OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS COMO INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM URBANA

O projeto de espaços livres públicos no Rio de Janeiro esteve, a partir de meados do século 19, sempre ligado ao papel que a cidade assumiu desde então como capital do Império e a seguir da República, passando a receber por essa razão, uma concentração maciça de investimentos públicos.

Esses investimentos, através de planos e projetos, de obras de melhorias e reformas urbanas, condicionaram-se ao longo do tempo a políticas e ingerências da elite política e social, emergente de uma classe econômica de origem rural e depois, já no início do século 20, industrial, concentrada na cidade que representava o poder.

Estava assim formada a tradição de investir nos espaços públicos do Rio de Janeiro como forma de atingir determinados níveis de *status* urbano inerente ao papel de capital.

A associação histórica entre os padrões de projeto dos espaços públicos e o desenho da paisagem merecem investigação detalhada, principalmente, em relação às intervenções que maior importância tiveram tanto na formação da imagem da cidade como na sua repercussão como modelo para todo o país.

Contemporaneamente, o Projeto Rio Cidade, em implantação pela administração municipal, reforça essa associação e aprofunda a relação entre o desenho dos espaços públicos, a paisagem resultante e a imagem projetada cuja repercussão é ampliada devido às técnicas atuais de comunicação e marketing.

Dentro da mesma linha de análise, podemos destacar a importância da concepção e implementação do Corredor Cultural e do Projeto Rio Orla, executados entre meados da década de 80 e início dos anos 90.



*Imóvel do Corredor Cultural à rua Silva Jardim
Fonte: Rio Arte, Corredor Cultural, 1989*

Outros períodos, com seus respectivos projetos, requerem igual interesse devido ao perfil e ao impacto das obras executadas, tais como: a construção do metrô e urbanização das áreas afetadas (largo da Carioca, Cinelândia, rua do Catete) na década de 70; a duplicação e o projeto do calçadão da Avenida Atlântica, entre meados da década de 60 e início dos anos 70, a implantação do aterro do Flamengo e da Esplanada de Santo Antônio em meados dos anos 50.

Cabe aqui acrescentar que as décadas de 60 e 70, através dos projetos do parque do Flamengo, do calçadão da avenida Atlântica e do largo da Carioca, consolidaram a obra de Roberto Burle Marx no Rio de Janeiro, moldando a partir de então o perfil de tratamento paisagístico dos espaços públicos mais importantes da cidade, característica presente até nossos dias.



Calçadão da av. Atlântica
Fonte: Frota, Lelia C. 1994



Calçadão av. Atlântica
Fonte: Adams, William H. 1991



Largo da Carioca
Fonte: Motta, Flávio. 1984



Aterro do Flamengo
Fonte: Frota, Lelia. 1994



Aterro do Flamengo
Fonte: Adams, William H. 1991

O período que se estende desde o início do século até as décadas de 50 e 60 trouxe grandes modificações na estrutura urbana da cidade, sendo objeto de vários estudos e pesquisas. Essa fase inicia-se, segundo destaca Alberto Lopes, com as obras de remodelação e embelezamento da reforma de Pereira Passos, no início do século, seguindo-se das modificações decorrentes do Plano Agache, na administração de Prado Júnior e das realizações de Carlos Lacerda, incluindo o Plano Doxiadis, na década de 60 (Lopes, Alberto, 1989).



Avenida Central
Fonte: Needell, Jeffrey. 1993



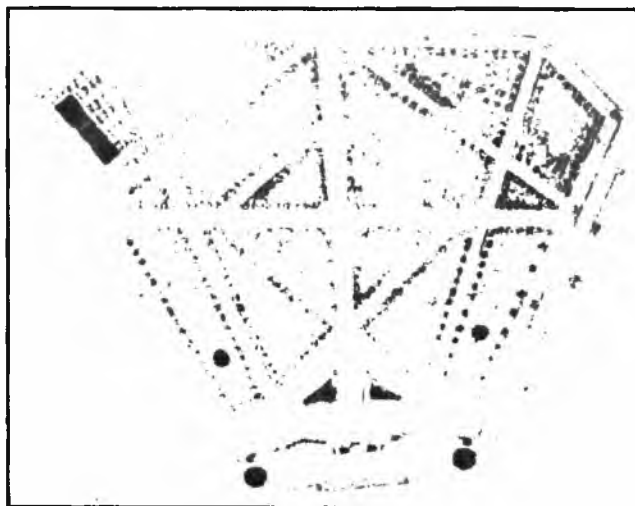
Proposta de Doxiadis para Copacabana
Fonte: Lopes, Alberto. 1989



Proposta a partir de Agache para a avenida Beira-Mar
Fonte: Reis, José de O. 1977

Olhando um pouco mais para trás na história do Rio, mesmo antes de Pereira Passos, ainda no século 18, encontramos outros exemplos da associação entre o poder público, a concentração de investimentos e a implementação de obras que moldaram a fisionomia da cidade, marcando sua memória e história política, principalmente, através das figuras de:

- D. Luis de Vasconcellos e Mestre Valentim, responsáveis pelas primeiras obras de cunho urbanístico na cidade, em termos de escala e desenho como o Passeio Público e a Praça XV;
- D. João VI e Grandjean de Montigny, que, na primeira metade do século 19, abriram as portas da cidade para a cultura artística européia, colocando em destaque a arquitetura neoclássica presente no Jardim Botânico e na Casa da Alfândega, atual Casa de Cultura França-Brasil;
- D. Pedro II e Glaziou, o primeiro como idealizador, o segundo como criador de um conjunto de espaços cuja significação moldou a tradição paisagística da cidade (Macedo, Silvio e Ceniuel, Mario, 1992), entre os quais se destacam o Campo de Santana, a reforma do Passeio Público, a Quinta da Boa Vista.

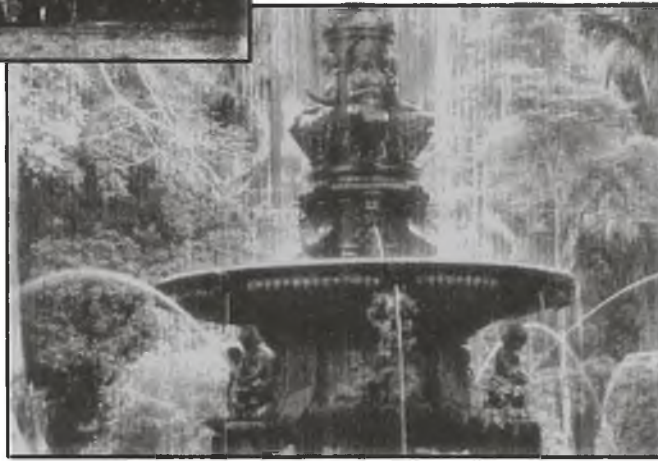


Passeio Público
Fonte: MACEDO, Joaquim M. 1991

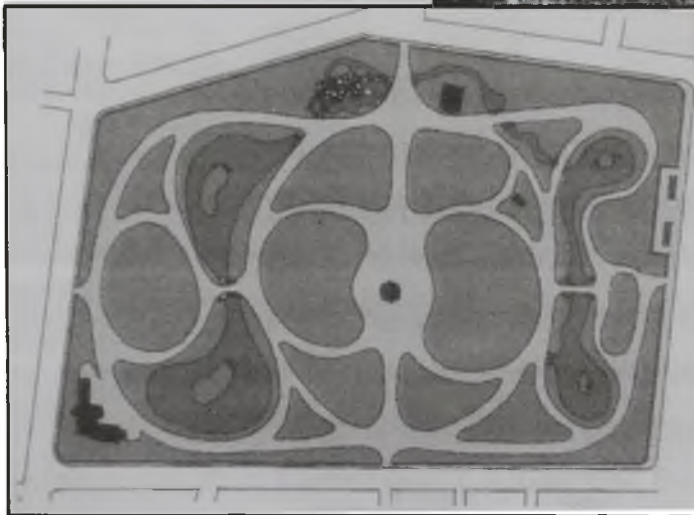
A importância do Rio de Janeiro como centro urbano era, até a metade do século passado, muito reduzida, não indo além de um povoado que, por força de circunstâncias



*Jardim Botânico
Fotos: Claus Meyer, TYBA*



*Campo de Santana
Fonte: QUAPA / FAUUSP*



externas, – o exílio da família real portuguesa –, se viu obrigado a crescer espacialmente, quase duplicar sua população e a se sofisticar, perseguindo em parte, os quesitos de uma cidade “real”

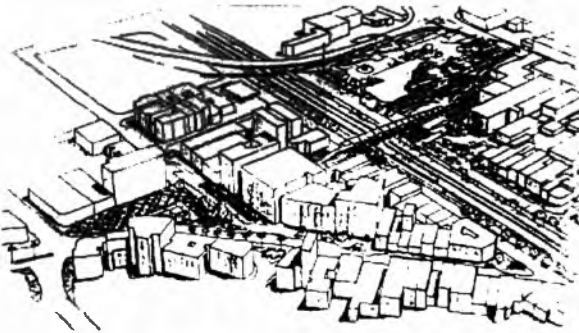


O século 19 consolidou a vida urbana do Rio de Janeiro, em torno de seu núcleo central, e plantou as sementes da crescente europeização de hábitos e costumes que, adotados pela classe social mais abastada, moldavam o Rio à moda de Paris (Needell, Jeffrey, 1993 e Cruls, Gastão, 1949).


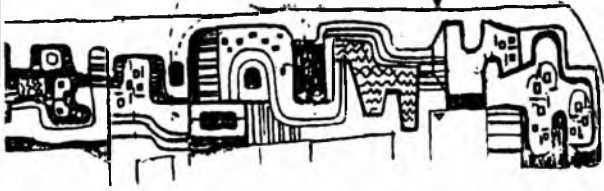

O século 20, principalmente da segunda metade em diante, testemunhou a troca de influências culturais e modelos urbanísticos. O desenho da cidade norte-americana com suas *parkways* e subúrbios residenciais passaram a responder por uma influência cada vez maior, menos sensível nas áreas mais antigas, com tecido urbano consolidado à moda portuguesa e francesa, mais visível nos novos bairros, como a Barra da Tijuca, por exemplo, que se tornou paradigma de urbanismo “moderno” e “progressista”

Tarefa difícil a nossa ao analisar o momento atual e procurar identificar as formas de associação entre política, imagem e projeto, pois, embora suas indicações sejam claras, sua cristalização está em curso, com toda a ebulição de um processo de transformação.



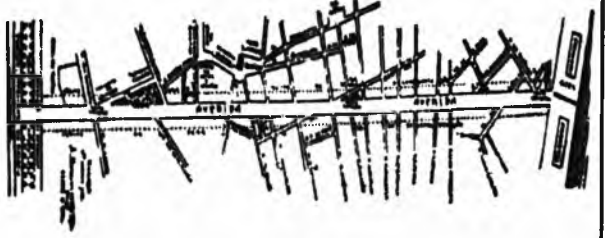
O quadro a seguir ilustra uma tentativa de sistematização de idéias e associações por período histórico, dos projetos de espaços livres públicos no Rio de Janeiro, das administrações responsáveis e dos princípios culturais que os conformaram. Foram selecionados os espaços mais significativos e que melhor refletem os períodos em que foram concebidos e/ou implementados.

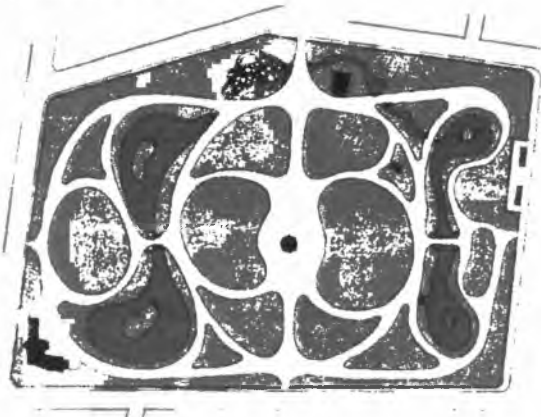
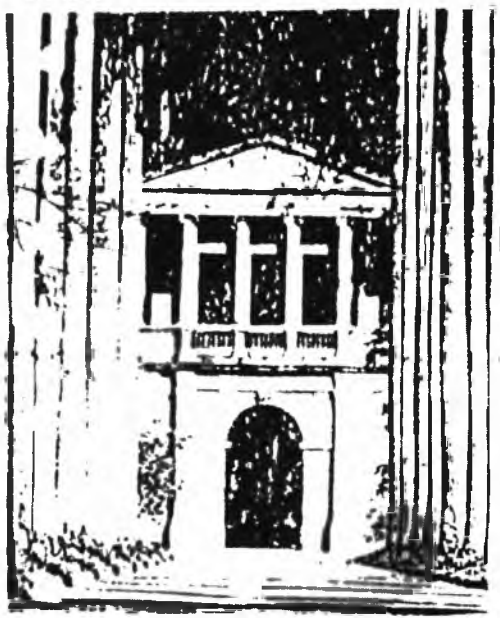
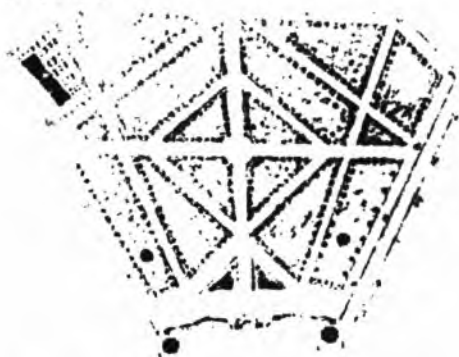
Projetos de Espaços Públicos no Rio de Janeiro - Uma Visão Histórica

PERÍODO	ADMINISTRAÇÃO	IMAGEM	MODELO/ URBANÍSTICO	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
Final do século 20 (1993 a 1996)	César Maia	"O Rio pós-moderno"	A requalificação urbana através da recuperação de espaços públicos centrais, da restauração do seu uso por pedestres e da revitalização de sua imagem (desenho urbano, paisagismo, mobiliário).	Projeto Rio Cidade 
Meados da e início da década de 90	Marcelo Alencar	"O Rio ecológico"	A valorização da orla marítima e áreas de reserva natural através da modificação de perfil viário, implantação de ciclovia, padronização do mobiliário e programação visual, visando preparar a cidade para a conferência da ECO-92.	Projeto Rio Orla 
	Saturnino Braga	"O Rio revitalizado"	A revitalização urbana através da recuperação do patrimônio arquitetônico da cidade e valorização do acervo edético do início do século presente na área central.	Corredor Cultural 

PERÍODO	ADMINISTRAÇÃO	IMAGEM	MODELO/ URBANÍSTICO	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
Décadas de 70 e 80	Chagas Freitas Marcos Tamoio	"O Rio metropolitano"	A implantação do metrô e a urbanização das áreas remanescentes das obras através do tratamento e destinação desses espaços para uso público.	Urbanização largo da Carioca 
Segunda metade da década de 60	Negrão de Lima	"O Rio rodoviário"	A implantação de obras viárias de grande porte e a valorização da orla marítima, conjugando a priorização do automóvel e a concepção do "calçadão" destinado ao livre uso de pedestres.	Alargamento e projeto do calçadão da av. Atlântica 
Década de 50 e primeira metade da década de 60	Carlos Lacerda Sette Camara	"O Rio modernista"	A implantação de princípios urbanistas do movimento moderno: os grandes eixos rodoviários, as parkways e a renovação urbana.	Aterro do Flamengo 

DA AVENIDA CENTRAL AO RIO CIDADE, O RIO DE JANEIRO CONSTRÓI E RECONSTRÓI A SUA IMAGEM

PERÍODO	ADMINISTRAÇÃO	IMAGEM	MODELO/ URBANÍSTICO	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
Décadas de 30 e 40	Dodsworth	"O Rio monumental"	A cidade americana como modelo urbano, tendo na figura da avenida monumental o eixo articulado de renovação de espaço central.	Av. Presidente Vargas 
Décadas de 20 e 30	Prado Júnior	"O Rio agachiano"	A aplicação do modelo urbanístico francês: edifícios no alinhamento, o aproveitamento do miolo de quadra, a galeria no térreo e o aspecto de uniformidade arquitetônica.	O Plano Agache 
Início do século 20 (1902 a 1906)	Pereira Passos	"O Rio moderno"	A "higienização" e o "embelezamento" dos espaços públicos, buscando sua remodelação segundo o modelo "haussmaniano": os bulevares; as avenidas em diagonal; a arquitetura edéfica; os parques e praças românticas.	Avenida Central 

PERÍODO	ADMINISTRAÇÃO	IMAGEM	MODELO/ URBANÍSTICO	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
Segunda metade do século 19	D. Pedro II	"O Rio romântico"	As melhorias urbanas introduzidas pelo Imperador e a aplicação dos princípios do paisagismo romântico nos projetos de parques, praças e jardins públicos.	<p>Campo de Santana</p> 
Primeira metade do século 19	D. João VI	"O Rio imperial"	A influência da missão cultural francesa e a adoção da arquitetura neoclássica em prédios públicos, introduzindo investimentos da metrópole no espaço colonial, reforçando a imagem da cidade como capital do Império.	<p>Jardim Botânico</p> 
Segunda metade do século 18	D. Luis de Vasconcelos	"O Rio barroco"	O barroco francês e o barroco português foram os modelos de projeto de obras de construção e reforma de praças, largos e monumentos.	<p>Passeio Público</p> 

Fonte: CRULS, Gastão. 1949; DEL BRENNNA, Giovanna. 1985; DEL RIO, Vicente. 1993; NEEDELL, Jeffrey. 1993; REIS, José de O. 1977.

A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE URBANAS

O início e o final o século 20 representaram para o Rio de Janeiro períodos de transformação no processo de produção dos espaços públicos e de construção/reconstrução da imagem projetada para além de seus limites.

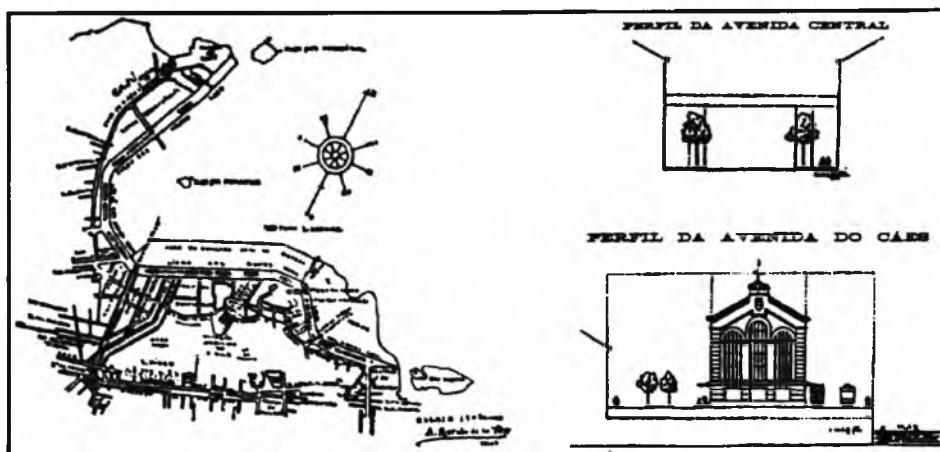
Os projetos de renovação urbana levados a cabo por Pereira Passos significaram, segundo diversos autores, o ingresso da cidade no espaço e no tempo da modernidade, objetivando adequá-la aos modelos urbanos provenientes de importantes centros europeus como Londres e principalmente, Paris. A construção da avenida Central, atual avenida Rio Branco, constitui-se em paradigma dessa transformação, tornando-se o símbolo de uma época de mudanças estruturais na forma e na paisagem urbanas (Benchimol, Jaime L. 1985; Needell, Jeffrey.1993).



As obras de Pereira Passos
Fonte: Abreu, Mauricio.1987

O conjunto de projetos de requalificação urbana, em processo de implantação na atual administração César Maia, tem a intenção de projetar a cidade na pós-modernidade, conforme afirma a própria versão oficial, tendo como carro-chefe as

obras do Rio Cidade, intervenções de caráter pontual, porém de impacto significativo na constituição de uma nova imagem urbana (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/IPLANRIO, 1994).



Perfis e projetos propostos Avenida Central
 Fonte: Reis, José de O., 1977

Os projetos e obras desses períodos concretizaram e concretizam no espaço a cultura projetual vigente buscando moldar a fisionomia da cidade através do desenho de seus espaços públicos, à semelhança de arquétipos representativos de suas épocas, transformando-se eles próprios em novos modelos e paradigmas.

Enquanto os espaços projetados pela administração Pereira Passos procuraram remodelar a imagem da cidade para fora do país, às vistas do mundo europeu, os investimentos atuais intencionam neutralizar a negatividade imposta ao Rio de Janeiro pela mídia interna do país, nos últimos dez anos, recuperando dessa maneira a competitividade com outras cidades e capitais brasileiras.

Em plena época de utilização de estratégias de marketing através da imprensa escrita e televisiva, a velocidade de reprodução de imagens e o seu impacto são muito maiores.

É evidente que a própria dinâmica sócioespacial distingue consideravelmente essas duas épocas, fazendo com que o vulto das obras aconteça atualmente em menor escala, face aos processos de valorização imobiliária, mobilização popular,

estruturação política e cultural e multiplicação de grupos e agentes sociais.

Entretanto, guardadas as diferenças quanto a antecedentes, dimensão espacial, contextos históricos e velocidades distintas de comunicação, consideramos importante analisar de que modo esses dois momentos se assemelham em relação às propostas que apresentam para novos modelos de estruturação urbana, de desenho da cidade e de projeto dos espaços livres públicos.

Reforma de Pereira Passos – O Rio como Capital do Mundo Moderno

Sob a égide das palavras de ordem como “saneamento, higienização e embelezamento”, as obras de reforma de Pereira Passos, ocorridas entre 1903 e 1906, foram fruto, segundo destaca Benchimol, de uma política urbana sistematizada através da implantação de um amplo plano de reformas urbanísticas, acarretando grande volume de demolições, remodelações e novas construções, e da formulação de um conjunto de normas e leis de conduta visando disciplinar hábitos, posturas e procedimentos, antes não regulamentados, no espaço urbano.

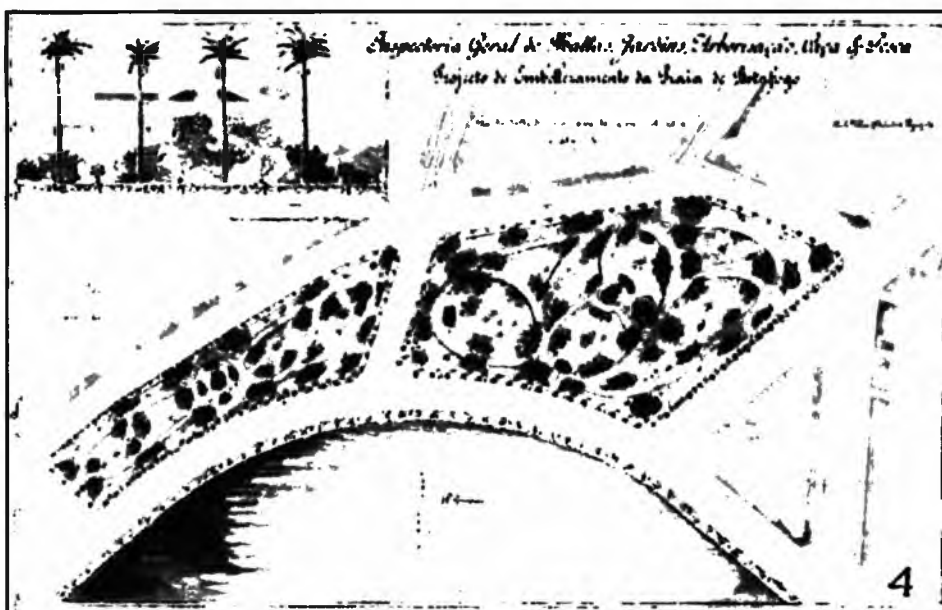
Buscava-se assim neutralizar costumes arraigados desde os tempos coloniais, perante novos padrões de consumo e convívio social importados da metrópole pela elite carioca.

O principal programa do então recém-eleito presidente Rodrigues Alves, segundo o autor acima foi a remodelação do Rio de Janeiro visando adequar a capital da República, “apontada como sede de vida difícil” para voltá-la ao mercado europeu (Benchimol, Jaime L. 1989).

A modernização do porto e a construção da avenida Central encabeçaram o programa de obras que compreendia, além

desses pontos: a construção de um conjunto articulado de novas artérias e avenidas; a retificação e o alongamento de diversas ruas existentes; novos padrões de calçamento, de mobiliário urbano e de iluminação de rua; a introdução de novos tipos de transporte; a remodelação paisagística de praças e parques e a introdução de novos eventos e comemorações públicas.

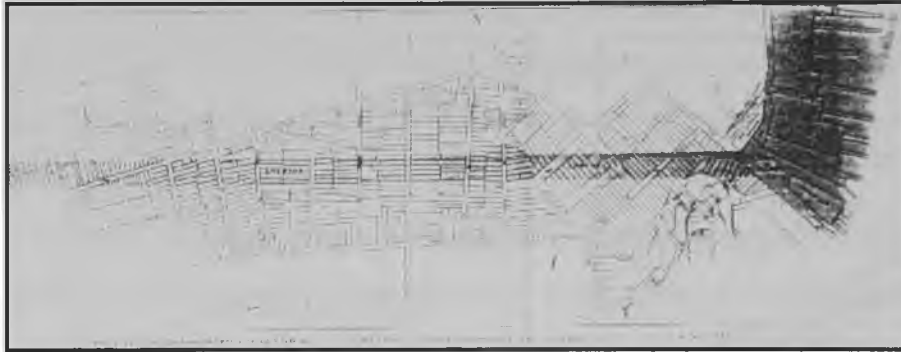
Em seu livro sobre o Rio de Janeiro na "belle époque", Needell destaca, dentre as principais obras realizadas, a construção da avenida Rio Branco, a abertura do túnel do Leme, da avenida Atlântica e da avenida Beira-Mar, ligando os bairros do Flamengo e de Botafogo, a construção do Mercado Municipal, o embelezamento das praças Quinze de Novembro, Onze de Junho, Tiradentes, Glória, largo do Machado, Passeio Público e Campo de Santana e a abertura das avenidas diagonal Mem de Sá, Salvador de Sá e Gomes Freire.



Projeto para a praia de Botafogo
Fonte: CCBB.,1994

Diversos autores, entre eles o próprio Needell, comparam a reforma de Pereira Passos para o Rio de Janeiro ao Plano do Barão de Haussmann para Paris. A estadia do prefeito nessa cidade, onde buscou a formação em engenharia, entre os anos

nal e a Escola Nacional de Belas Artes). Todos eles contribuíram para atribuir a esse espaço a importância que o qualifica até nossos dias como centro nervoso do Rio de Janeiro.



*Projeto da avenida Central
Fonte: Abreu, Mauricio, 1987*

Modificações posteriores ocasionaram a supressão do canteiro central, a substituição da maioria dos prédios particulares originais e a elevação de gabarito de construção, modificando seu perfil volumétrico, guardando, entretanto, e até mesmo reforçando o aspecto de rua canal ou rua corredor, com os novos prédios, construídos no alinhamento, sem recuos laterais.



*Perfil de avenida
Municipal - 1903
Fonte: Del Brenna,
Giovanna, 1985.*

Avenida Rio Branco

Embora atualmente esteja fisicamente transfigurada, pouco guardando do seu projeto original, a avenida Rio Branco permanece como um dos pontos de referência principal e

centro financeiro da cidade, apesar de tentativas posteriores de deslocar essa primazia como ocorreu, por exemplo, na abertura da Avenida Presidente Vargas e no Plano da Cidade Nova, entre as décadas de 40 e 60.

Para a imagem popular fala mais alto a história da Avenida, a força e o peso da sua arquitetura eclética, preservada no trecho da Cinelândia, a escala espacial e a proporção volumétrica, a presença preservada dos oitis, o costume dos corsos e desfiles carnavalescos, enfim um repertório de imagens e conceitos arraigados à tradição da cidade.

Projeto Rio Cidade – A Requalificação Urbana como Paradigma da Pós-Modernidade

Desde o início do seu mandato em janeiro de 1992, a administração César Maia implantou um conjunto de intervenções na cidade que, paralelamente à finalidade de melhorar sua estrutura funcional, através de grandes obras viárias, aumento de fluidez de tráfego e saneamento, objetivam requalificar a imagem pública do Rio no seu aspecto físico-espacial.

Projetos de administrações anteriores precederam algumas das propostas atuais, entre os quais podemos citar diretamente o Projeto Rio Orla e o Corredor Cultural, tendo sido responsáveis pela formação de um repertório de elementos projetuais – ciclovia, preservação e recuperação de imóveis, valorização da paisagem e memória urbanas – já assimilados pela Prefeitura e seus técnicos.

Contudo, o volume, o porte, a escala espacial e a abrangência dos projetos e obras implantadas desde 1993 os destacaram de seus antecessores, resultando na transformação dos principais centros, subcentros e ruas comerciais do Rio em enormes canteiros de obras.

A estratégia do Prefeito e de seus principais assessores foi a de investir numa virada de imagem, fazendo com que a difusão das iniciativas atuais repercuta positivamente em relação ao país e ao exterior. Diversos autores e a própria imprensa publicaram matérias a respeito do estilo próprio e pessoal do governo César Maia e sobre as possíveis influências que moldaram e têm moldado as linhas de atuação da prefeitura, no que se refere a obras urbanas. Entre esses autores, Vicente del Rio, em trabalho apresentado no VI Encontro da ANPUR, cita as principais fontes de inspiração da Prefeitura na área de urbanismo: os modelos de “embelezamento” de Pereira Passos e Agache, e as recentes experiências européias, principalmente a revitalização de Barcelona (Del Rio, Vicente, 1995).

A possibilidade de realização das Olimpíadas em 2004 no Rio, o contato de profissionais ligados à Prefeitura de Barcelona com técnicos da administração municipal do Rio, as publicações sobre os projetos e obras assim como as exposições e eventos envolvendo arte, arquitetura e urbanismo ocorridos naquela cidade européia competiram para constituir um repertório de elementos e linhas de trabalho com repercussão marcante no Rio.

Foi amplo o rol de intervenções propostas pela administração César Maia no espaço urbano, em termos de tipo e localização, englobando: projetos viários, como a abertura da Linha Amarela e remodelação das avenidas Brasil e das Américas; implantação de obras de urbanização de favelas; implantação de um sistema integrado de ciclovias em diversos bairros; remodelação de inúmeras praças, largos, ruas de pedestres e calçadas; a reforma de espaços históricos do centro da cidade (Praça XV, Praça Mauá e Praça da Cruz Vermelha); criação de pólos de desenvolvimento urbano, como o Teleporto, na Cidade Nova, dentre outros.

Esses projetos foram elaborados, em parte, pelos técnicos da Prefeitura e, em parte, por diversos escritórios. O conjunto de projetos Rio Cidade, num total de 17, incorpora um pouco de cada campo de atuação projetual acima, mesclando propostas de desenho urbano, paisagismo, mobiliário urbano e comunicação visual, distribuídos por importantes centros de bairros do Rio. Esses centros, coincidentes com eixos viários, corredores de transportes e miolos de áreas comerciais, das zona sul, norte e oeste, são importantes focos de concentração de atividades que, em sua maior parte, já estavam presentes na vida da cidade desde o início do século.

As intervenções conotaram uma imagem de renovação e de promoção da cidade como palco para futuros eventos de âmbito internacional, precedidos pela realização recente da exposição ECO-92. Trataram, de modo geral, da criação de novos espaços e da remodelação de ruas, calçadas, praças, largos, interferindo-se apenas nas áreas de domínio público. Assim, pretendeu-se investir numa nova qualidade da paisagem urbana, para áreas que vão de Campo Grande e Taquara na Zona Oeste, a Ilha do Governador, Madureira, Méier, Penha, Bonsucesso, Tijuca e Vila Isabel, na Zona Norte, passando pelo centro da cidade, justamente na Avenida Rio Branco, e pela Zona Sul, nos bairros de Laranjeiras, Botafogo, Catete, Copacabana, Ipanema e Leblon.

É necessário, em trabalho a ser feito posteriormente, aprofundar a análise sobre cada projeto a fim de verificar as linhas e modelos projetuais adotados. De certo há uma grande diversidade de propostas, soluções e padrões de atuação devido à multiplicidade de técnicos envolvidos, de formação e experiências diversificadas, e a própria característica que cada área apresenta.

Por um lado, a grande quantidade de escritórios envolvidos e por outro, a especificidade de cada bairro tornaram complexo o trabalho da Prefeitura e seus técnicos. Segundo documento editado pela IPLANRIO sobre o Rio Cidade, reside principalmente nesses dois aspectos, o perfil de pós-modernidade desse conjunto de intervenções: atuações diversificadas, respeitando as diferenças internas entre as partes da cidade e seus contextos, de acordo com o maior número possível de interpretações, de linhas e de pensamento.

Mais complexa deverá ser a análise de cada uma das propostas, considerando-se ainda que a maior parte delas foi concluída no final de 96, coincidentemente 90 anos após a conclusão das obras de reforma de Pereira Passos.

CONCLUSÃO

Se a modernidade causa um certo mal-estar, como afirma Sérgio Ruanet, a pós-modernidade inspira inquietude. Segundo defende esse autor, o projeto moderno de sociedade ruiu, levando consigo o bastião de padrões concebido para moldá-la a um determinado ideal social (Ruanet, 1993).

Ruiu também, em conseqüência, o modelo de cidade moderna concebido para uma sociedade que se pretendeu “universal, individual e autônoma” No Brasil, conforme defende Ruanet, vivemos um período de revolta antimoderna sem termos passado pela modernidade, capitalizando, na ponta, as transformações que correm pelo mundo afora.

No lugar da cidade moderna surge não uma nova resposta, mas uma diversidade de perguntas indagando por novos modelos, novos projetos de sociedade, que respondam à crescente particularização social, globalização cultural, e individualidade econômica, onde o consumo e não mais a produção, ganha destaque.

A cidade que hoje buscamos é um espaço de consumo, onde a imagem produzida é, com certeza, mais imediatamente digerida e mais rapidamente ultrapassada, sendo sua reprodução tão ou mais importante que a produção em si. A velocidade com que os efeitos das modificações realizadas atualmente no espaço urbano são vivenciadas, discutidas e retransmitidas é muito mais intensa do que o impacto causado pelas grandes reformas ocorridas no início do século, para uma sociedade que lia sua cidade com vagar e precisão.

Dentro do contexto atual, conceitos como legibilidade, identidade e comunicação de imagens, onde os ícones são mais importantes do que os objetos que representam, ganham destaque, tanto no meio acadêmico como profissional, moldando novas formas de expressão urbanística, como aquelas utilizadas, por exemplo, nas obras de revitalização de Barcelona, paradigma de um novo-velho urbanismo.

Se áreas remodeladas pelo Rio Cidade, à moda, não mais parisiense, e sim catalã, vão entrar para o repertório imagético e para a tradição da cidade, como ocorreu com a Avenida Rio Branco, ainda é cedo para dizer.

Numa cidade pós-moderna em sua multiplicidade, múltiplos são seus símbolos, e alguns deles poderão ser as novas imagens propostas para os bairros do Rio.

Erros e acertos existem e existirão por parte da Prefeitura, dos arquitetos e urbanistas que projetaram cada pedaço dessa transformação. O rescaldo positivo que já surge, entretanto, por detrás da poeira, do barulho, dos tapumes e dos transtornos das obras é o fato de discutimos a cidade. Da pedra portuguesa à problemática das favelas e do engargalado sistema viário da cidade, vale a pena discutir cada pedaço de imagem, que, de todos, é um pouco de cada um de nós também.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO / ZAHAR, 1981.
- ADAMS, William H. *Roberto Burle Marx – The unnatural art of the garden*. New York: MOMA, 1991.
- BENCHIMOL, Jaime L. A modernização do Rio de Janeiro. In: DEL BRENNNA, Giovanna, org. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1985.
- CCBB, *A paisagem desenhada: O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Exposição coord. por Maria Pace Chiavari e Piedade E. Grinberg, catálogo ed. p/ Piedade E. Grinberg, CCBB, Rio de Janeiro, 1994.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, v. I e II, 1949.
- DEL BRENNNA, Giovanna (org.) *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. RJ/PUC, 1985.
- DEL RIO, Vicente. Revitalização de centros urbanos: o novo paradigma de desenvolvimento e seu modelo urbanístico. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: FAUUSP, n.4, dez./1993.
- _____. *Reconquistando a imagem urbana e o espaço dos pedestres*. Trabalho apresentado no VI Encontro da AMPUR/UNB, maio/1995.
- FROTA, Lelia C. *Burle Marx: paisagismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliana de Frankfurt, Câmara Brasileira do Livro, 1994.
- LOPES, Alberto. Maravilhas urbanísticas para uma cidade maravilhosa. In: *Revista Projeto*, n. 122, jun. 89.
- MACEDO, Joaquim M. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1991.
- MACEDO, Silvio (org.) *Pesquisa: O quadro do paisagismo no Brasil – QUAPA*. São Paulo: FAUUSP, 1994/95.
- MACEDO, Silvio e CENIQUEL, Mario. O paisagismo no Brasil introduzindo a questão. In: *Paisagem e Ambiente*, n. IV, São Paulo: FAUUSP, 1992, p. 131 a 138.
- MOTTA, Flávio. *Roberto Burle Marx – A nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1984.
- M&T – Mayerhofer & Toledo Arquitetura, Planejamento e Consultoria Ltda. *Projeto de Intervenção Urbana no Centro do Méier*, Rio de Janeiro, v. I/IV, 1993/94.
- NEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- RIO DE JANEIRO. (Cidade). Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. *Rio Cidade: um percurso*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1994.
- _____. *Corredor cultural*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1989.
- _____. *Olho na cor*. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1989.
- REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/RIOTUR, 1977
- REIS, José de Oliveira, Freitas, Sérgio Roberto W. *A Guanabara e seus governadores*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/RIOTUR, 1977.
- RUANET, Sérgio P. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.